

Performances corporais mágico-religiosas dos torcedores de futebol

Reinaldo Olecio AGUIAR

Resumo: A paixão do brasileiro pelo futebol, que levou à compreensão do próprio país como “o país do futebol”, é amplamente conhecida. Esse artigo é uma análise antropológica das performances corporais dos torcedores durante as partidas de seus times (Sociedade Esportiva Palmeiras, São Paulo Futebol Clube, Santos Futebol Clube e Sport Club Corinthians Paulista), realizada nos anos de 2005 a 2007, com enfoque específico nas manifestações mágico-religiosas que ocorrem nas arquibancadas. Essas performances revelam um tipo de compreensão mágica da realidade, mesclada com elementos da religiosidade popular. Além disso, a compreensão do corpo como instrumento do “correto torcer”, revela uma proximidade entre esporte e religião na medida em que a reprodução dos mesmos movimentos corporais, que às vezes incluem a eliminação dos espaços entre os corpos, configura-se em um tipo de “religião secular”, restrita ao tempo e espaço das partidas. Gestos, danças, palmas, coreografias coletivas e uso de instrumentos compõem as performances corporais dos torcedores, o que cria uma sociabilidade diferenciada daquela do cotidiano. Terminada a partida, retomam-se as regras sociais vigentes, evidenciando o caráter provisório tanto das performances corporais quanto da cosmovisão mágica que o torcedor possui do esporte.

Palavras-chave: Corporeidade; Futebol e magia; Religião e esporte; Sociabilidade Esportiva.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar e analisar as performances corporais dos torcedores durante as partidas dos quatro clubes de maior projeção do Estado de São Paulo (Palmeiras, São Paulo, Santos e Corinthians), com enfoque específico nas manifestações mágico-religiosas que ocorrem nas arquibancadas. Numa primeira parte serão apresentadas as informações etnográficas, colhidas entre 2005 e 2007, com destaque para o que Bromberger (1995) denomina de comunicação verbal e gestual. Na segunda parte os dados etnográficos são analisados a partir do referencial da antropologia, com o objetivo de evidenciar a interpenetração de esporte e religião no ato de torcer.

Etnografia das arquibancadas

Bromberger dedicou um capítulo de seu livro *Le Match de Football – Ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naple et Turin* (“Le supporterisme comme spectacle total: une mise en scène codifiée et parodique”, 1995, p.297-310) à

análise do comportamento das torcidas de futebol. Neste capítulo encontramos suportes metodológicos que podem nos ajudar na compreensão das ações dos torcedores do futebol durante um jogo, sobretudo no que tange aos registros de comunicação, que Bromberger divide entre os verbais, os gestuais, os instrumentais e os gráficos. Partindo da idéia de que há uma intensa participação corporal e sensorial dos torcedores durante as partidas, Bromberger demonstra que o suporte ao time se dá com a utilização da voz, que comenta a partida, canta as músicas de incentivo, grita slogans rimados em uníssono e lança impropérios à torcida do time rival, constituindo a comunicação *verbal*. A comunicação *gestual* se dá pelas posturas e gestos codificados que expressam a alegria, o entusiasmo, a fidelidade, a desgraça que se deseja aos outros, a perplexidade etc. Os *instrumentos*, geralmente tambores, buzinas, apitos e cornetas, marcam o tempo das exortações e a bateria de tambores assinala com ênfase as façanhas dos “nossos” jogadores e os reverses dos jogadores “deles”. A comunicação *gestual* se dá pelas posturas e gestos codificados que expressam a alegria, o entusiasmo, a fidelidade, a desgraça que se deseja aos outros, a perplexidade etc. E a comunicação *gráfica* se faz presente nas faixas com palavras de incentivo, com saudações que sacralizam os grandes heróis do passado, que faz uso da caricatura para zombar dos adversários, mas também para lembrar craques da história do clube, nas bandeiras¹, nas vestimentas, como camisas do time, da torcida organizada, bonés, perucas, máscaras etc., além dos diversos emblemas, como caveiras, máscaras de diabo, carrancas e o indefectível caixão de defunto, que simboliza a desgraça que se deseja ao adversário. Para a análise desenvolvida neste artigo, concentraremos a atenção na comunicação gestual.

De início, é importante destacar que o gestual apresentado expressa o que foi captado nas partidas observadas e, por isso, não pretende ser completo. O objetivo é expor o que a etnografia revelou nos jogos escolhidos. Em termos classificatórios, a comunicação gestual pode ser separada em três tipos distintos: os movimentos corporais individualizados, as coreografias coletivas e as reações ao jogo. Os movimentos corporais individualizados são aqueles em que um ou poucos torcedores apresentam performances corporais que os identificam como apoiadores do time e, ao mesmo tempo, são as performances mais suscetíveis à ação mágico-religiosa. São aquelas que pretendem influenciar no andamento da partida. As coreografias coletivas, sempre

¹ No caso do futebol paulista, as bandeiras estão proibidas de entrar nos estádios, principalmente por causa da possibilidade de violência com os mastros, geralmente feitos de cano plástico. As torcidas encontraram uma forma de usar este artefato com a confecção de “bandeirões”, com medidas gigantescas, sem mastros, e que são abertas pela torcida organizada durante as partidas.

realizadas por um número significativo de torcedores, em sua maioria membros das torcidas organizadas, têm como objetivo a celebração e o apoio ao time. Embora não sejam tão abertas à ação mágico-religiosa, sua repetição metódica e ritualística revela uma proximidade com esse tipo de ação. As reações ao jogo são aquelas atitudes mais comuns dos torcedores em momentos específicos da partida e podem ser observadas entre todos os torcedores de todos os clubes. As reações ao jogo, por serem a comunicação gestual mais comum, iniciam a análise.

A primeira reação dos torcedores ocorre com a entrada do árbitro em campo. Torcedores de ambas as equipes de futebol se colocam em pé para vaiar e xingar o árbitro e os dois assistentes, independente de quem eles sejam². Mãos para o alto, ofensas verbais e vaias compõem a performance corporal do torcedor em relação ao árbitro. Depois disso, segue-se a entrada dos jogadores em campo. A entrada dos jogadores do time de coração faz com que praticamente toda a torcida fique em pé, aplauda e comece a cantar em apoio a eles. A performance corporal, portanto, consiste no ato de ficar em pé para receber os jogadores. É preciso destacar que, no meio dos torcedores membros das organizadas, o ato de ficar em pé não ocorre nesse momento, uma vez que durante todo o período da partida de futebol, desde a sua chegada, sempre em bloco, até a saída do estádio, esses torcedores ficam em pé, mesmo durante o intervalo da partida. Nas imediações da torcida organizada e em todo o restante da arquibancada os torcedores permanecem sentados e, por isso, se colocam em pé na entrada dos jogadores. Se o time de coração entra em campo antes do adversário, a torcida aguarda a entrada do outro time para vaiá-lo; se entra depois, ocorre um misto de silêncio (como forma de não parecer que há torcedores do time adversário entre “nós”) e apupos, como vaias. Mas o foco, nesses momentos que antecedem à partida, é o time de coração e a demonstração de apoio expressa por meio de um refrão simples (“Palmeiras”; ou “Corinthians”; ou “Peixe”; ou “São Paulo”).

Outra reação ao jogo ocorre quando o time de coração está avançando em direção ao ataque. Parte significativa da torcida percebe a chance de conseguir um gol e acompanha, com o corpo, o desenvolvimento da jogada. Novamente, isso não pôde ser percebido com a mesma intensidade no meio dos torcedores da organizada, que já estavam em pé, mas entre os torcedores das imediações essa reação foi observada com

² Há casos em que a torcida demonstra certa rejeição a determinados árbitros, notadamente por eles terem atuado em partidas anteriores e, no julgamento da torcida, terem prejudicado o time de coração. Os xingamentos são semelhantes àqueles dirigidos aos torcedores adversários, com o acréscimo de ofensas à mãe do árbitro.

freqüência. Simbolicamente, com esta expressão corporal (ficar em pé e inclinar o corpo em direção ao gol), os torcedores estavam “empurrando” o time para o ataque. Houve ocasiões em que se puderam observar torcedores realizando movimentos corporais semelhantes aos dos jogadores (como cabecear um bola cruzada para a área), como se eles mesmo estivessem dentro de campo. Nesse caso, há um tipo diferente de mimetismo, que ocorre em relação aos protagonistas da partida³.

Quando o resultado do ataque do time de coração é uma bola para fora do gol, como um escanteio depois de defesa do goleiro adversário, ou uma bola que passou perto do gol, ocorre outra reação comum: levar as mãos à cabeça para lamentar a perda do gol depois de um brado de “uh”. Essa performance corporal é tão comum que praticamente toda a torcida a repete, aparentemente, por instinto. Entretanto, a agudez de um lance de ataque costuma trazer conseqüências para o ato de torcer e, na maioria das vezes, independente de que time estava sendo observado, esta performance era complementada com alguma música de apoio ao time, ou pelo menos com a repetição do refrão com o nome do time. Uma variação desta performance pôde ser observada em alguns jogos: colocar as mãos sobre o rosto e inclinar o pescoço de maneira a dirigir o olhar (tapado pelas mãos) para o céu. O objetivo, tal qual o de levar as mãos à cabeça, é o de lamentar a perda do gol.

A reação ao jogo mais conhecida e repetida em todo o mundo, por torcedores de times de futebol de todos os níveis, é a de levantar as duas mãos para comemorar um gol. Em muitos casos o torcedor estava sentado e, assim, esse gesto inclui ficar em pé e gritar “gol”. Nas partidas de futebol observadas, todas as torcidas repetiram o gesto de se levantar, invariavelmente erguendo as mãos com os punhos cerrados e soltando um grito prolongado de gol. Em muitos casos, essa explosão comemorativa foi a conclusão daquele ato anterior de acompanhar corporalmente o ataque do time de coração, e se completa com o cântico de alguma música de apoio e/ou celebração. O sentido de *comunitas* (comunhão de consciências), tratado por Bromberger (2001), é claramente percebido na ação do torcedor que comemora o gol abraçando os seus vizinhos de arquibancada, geralmente desconhecidos antes e depois da partida. E esse abraço é também uma performance corporal decorrente do gol, uma vez que em outros

³ Em uma das partidas, um torcedor que acompanhou a evolução do lance com o corpo, inclusive simulando o movimento do atacante, disse ao torcedor à sua esquerda: “eu já sabia, quando a bola vem certinha, é caixa”. Ele se referia ao cruzamento bem feito e ao fato do atacante aproveitar a oportunidade concretizando o gol (“é caixa”). “Eu já sabia” sugere que seu mimetismo corporal já antecipava o resultado. Simbolicamente, era como se o torcedor estivesse participando do lance.

momentos da partida ele não está presente, a menos que o vizinho seja um parente ou companheiro/a⁴. De fato, uma partida de futebol engendra um sentimento de comunhão que não existe na vida cotidiana e as performances corporais expressam esta transformação efêmera das relações sociais. Assim, as palmadas com companheiros desconhecidos, as conversações calorosas com o vizinho de arquibancada, que se transforma novamente em um estranho de quem o torcedor nem sequer se despede no momento do apito final, revelam essa comunhão de consciências. Entretanto, a *comunitas* do torcedor de futebol é provisória e precária, permanecendo apenas durante o período da partida e não se estendendo ao cotidiano. Encerrada a partida, retomam-se as relações sociais habituais, e esse tipo de manifestação corporal volta a ser percebido sob as normas sociais vigentes na sociedade.

O segundo tipo de comunicação gestual observado em algumas partidas foram os movimentos corporais individualizados. Diferente das reações ao jogo, esses movimentos revelaram ser conscientes e, na maioria das vezes, com objetivos definidos. Outra diferença observada foi a participação de um ou poucos torcedores, em contraponto à reação quase geral da torcida, como apontada acima.

O primeiro exemplo encontrado desse tipo de movimento corporal pôde ser observado no jogo São Paulo x Palmeiras, de 05/02/2006. O São Paulo venceu o jogo por 3 x 1 e o árbitro assinalou um pênalti para o Palmeiras aos 44 minutos do segundo tempo, cobrado e convertido pelo atacante Edmundo. Neste jogo a observação estava concentrada na torcida do São Paulo. Enquanto o atacante palmeirense ajeitava a bola para a cobrança do pênalti, dois torcedores próximos ficaram imediatamente de costas para o campo. Perguntados sobre o porquê daquela atitude, ambos disseram que essa atitude sempre funciona para que o adversário perca o pênalti. Depois do jogo encerrado, com vitória de 4 x 2 para o São Paulo, os dois torcedores foram argüidos sobre aquela atitude, e se acreditavam mesmo na eficácia daquilo que haviam feito e a resposta foi: “você não viu o resultado do jogo? Nós ganhamos e é isso que importa”. A interpretação que os torcedores deram à ação, mesmo com a concretização do gol pelo atacante adversário, revela um tipo de explicação mágica desta ação, cuja *eficácia presumida* os levaram a repeti-lo nesta partida. O resultado do jogo serviu de justificativa para a manutenção da ação mágica, ainda que o ato de ficar de costas para o lance não tenha evitado o gol do adversário. Lévi-Strauss (1989) já havia mostrado que

⁴ Quando o jogo é assistido por casais são comuns os abraços durante a partida, motivados pela relação entre as partes, e não pelos lances da partida. O mesmo se dá com pais e filhos.

a eficácia da magia implica na crença da magia e, nesse caso, a repetição sistemática de um gesto específico, a performance corporal de colocar-se de costas para o campo, revela a *eficácia presumida* desse ato por parte dos torcedores. Se assim não fosse, o gesto deixaria de ser utilizado.

Uma variação deste tipo de ação, um pouco mais comum e utilizada por um maior número de torcedores, é o ato de colocar as mãos sobre os olhos para não ver o ataque do time adversário. A manutenção deste tipo de ação entre os movimentos corporais “individualizados” se justifica porque a quantidade de torcedores que a desenvolve é substancialmente menor do que a quantidade dos que desenvolvem as coreografias coletivas. A interpretação óbvia deste gestual é a de que o torcedor está exprimindo, por meio de uma performance corporal, uma idéia comum no futebol (“não quero nem ver!”). De fato, este gesto poderia ser incluído entre as reações ao jogo, mas foi classificado aqui porque alguns torcedores entrevistados afirmaram utilizá-lo de maneira instrumental, como forma de evitar o gol adversário⁵. Esta compreensão instrumental de parte dos torcedores revela a eficácia presumida do ato.

No empate de 1x1 entre Santos e São Paulo, em 11/03/2007 (estádio Urbano Caldeira em Santos), parte da torcida do Santos reproduziu um movimento corporal que havia sido observado também no mesmo clássico, no ano anterior (vitória do São Paulo por 3x1 no Morumbi), mas na torcida do São Paulo. A performance consiste em estender ambas as mãos em direção ao campo, formando um ângulo de 90° com o corpo, e balançá-las em semi-rotação, sincronizando a mão esquerda com a direita. Argüidos sobre o significado do ato, torcedores do São Paulo responderam que se trata de uma forma de apoio, de “passar energia positiva para o time”. Entretanto, em algumas ocasiões havia torcedores repetindo o mesmo gesto quando o time adversário estava no ataque, podendo significar que estavam com intenção inversa, qual seja, a de “passar energia negativa” para ocasionar o erro do time contrário. Nas respostas dos torcedores do Santos essa segunda versão foi predominante, e a frequência da performance foi substancialmente menor (cerca de um quarto daquela encontrada na torcida do São Paulo). Em ambos os casos, a repetição sistemática deste gestual revela a mesma eficácia presumida dos exemplos anteriores.

⁵ Dois torcedores deram uma explicação inusitada a este gesto: tapam os olhos nos ataques do time adversário porque não querem ter o desprazer de ver um gol contra o seu time de coração. De fato, entre os torcedores entrevistados, vários disseram que evitam assistir aos programas de esporte na televisão quando o seu time perde, para não ter de ver os gols do time adversário, principalmente quando o jogo é contra um rival (ou seja, um clássico contra um dos outros três “grandes”).

É interessante destacar que, em outras duas partidas do Campeonato Paulista de 2007 (Palmeiras 3x2 Marília, em 24/03 e Corinthians 2x2 Sertãozinho, em 31/03), torcedores do Palmeiras e do Corinthians, indagados sobre a performance corporal das mãos estendidas, afirmaram que nunca tinham visto a torcida do Santos reproduzi-la. Entretanto, afirmaram que os torcedores do São Paulo “fazem isso pra secar o esmalte”, em flagrante discriminação, mas em consonância com o senso comum dos torcedores das outras equipes analisadas de que os torcedores tricolores são “bâmbis”. A interpretação diferenciada dos palmeirenses e corinthianos demonstra que essa performance corporal em particular não é comum às suas práticas, razão de sua desqualificação. Além disso, o uso diferenciado entre são-paulinos e santistas demonstra que sequer é uma performance unívoca.

O terceiro tipo de comunicação gestual são as coreografias coletivas, cuja principal característica é a participação efetiva de torcedores, compondo performances corporais mais elaboradas. A maioria dessas performances ocorre concomitantemente com as músicas identitárias, de apoio/incentivo ao time e de provocação aos torcedores adversários. O ritmo nas partidas de futebol é invariavelmente ditado pelas palmas dos torcedores, uma vez que os tambores da bateria, outrora sempre presente nos clássicos e nos jogos que os times analisados detinham o mando de campo, estão proibidos nos estádios paulistas desde 1995.

O exemplo mais comum são as palmas (#) durante as músicas e os gritos de apoio, sobretudo as três palmas depois do nome do time (“Corinthians, ###”, ou “Palmeiras, ###” etc.). Nesse caso as palmas marcam o ritmo em contraponto com o grito de apoio ao time, e são convencionais, ou seja, executadas à frente do torso. Na observação aos torcedores dos quatro clubes de futebol percebeu-se a repetição sistemática desta performance, inclusive com torcedores incentivando seus vizinhos de arquibancada a baterem palmas quando esses permaneciam passivos durante as partidas⁶. Nas outras músicas em que há palmas convencionais, segue-se o ritmo de cada melodia, variando em intensidade e quantidade.

Uma variante importante das palmas como performance corporal são as músicas em que elas ocorrem sobre a cabeça, em movimento semelhante ao polichinelo (apenas com os movimentos dos braços). O ritmo também é marcado pela música, mas a diferença na execução das palmas cria uma coreografia mais perceptível coletivamente.

⁶ O fato de torcedores incentivarem seus vizinhos de arquibancada a adotarem determinadas ações sugere que há uma forma “correta” ou “mais aceitável” de torcer.

O efeito visual nas arquibancadas revela uma sincronia bastante razoável, uma vez que não há ensaio prévio dessas coreografias, sobretudo pelos torcedores “comuns”⁷. Essa sincronia cria uma percepção de unidade para quem a observa, tornando visível a comunhão de consciências descrita por Bromberger (1995), ainda que efêmera e provisória. As músicas utilizadas (pelas quatro torcidas) que criam esta performance variam, mas o movimento é idêntico em todas elas. O objetivo expresso é incentivar o time e celebrar o amor por ele, embora esteja implícita a expectativa de retribuição por parte dos jogadores, que devem “dar o sangue”, ou seja, se dedicarem integralmente na busca pelo resultado positivo⁸.

Outra performance corporal presente nas partidas de futebol e executada durante as músicas de incentivo ao time é a elevação de punhos cerrados ao nível da cabeça e a reprodução do movimento de martelo (ou de uma facada). Tal como acontece com as palmas sobre a cabeça, essa performance também cria um sentido de unidade na torcida, sobretudo para quem observa a movimentação sincrônica da arquibancada. Também é comum, nos jogos à tarde em que há sol, essa performance ser realizada com a camiseta na mão que se eleva, criando uma riqueza maior na coreografia. É interessante notar que essa performance é bastante freqüente quando se cantam as músicas de provocação à torcida adversária (“Pacaembu ela domina”, por exemplo). O gestual parece ser coerente com o objetivo da música: demonstrar o caráter belicoso da torcida, revelado na simulação de um golpe sendo desferido.

Algumas músicas produzem uma performance corporal peculiar: parte da torcida canta em pé enquanto outra parte permanece sentada (ou abaixada); em resposta às palavras cantadas inicialmente, a parte da torcida que estava sentada (abaixada) canta colocando-se em pé. Um exemplo de música cantada desta forma, com a mesma letra repetida no responso é “Contra todo ditador”, da torcida corintiana⁹. A sincronia dos movimentos corporais dos torcedores cria um efeito esteticamente belo, além de produzir o senso de *comunitas* discutido por Bromberger (1995, 2001), ainda que

⁷ Como as torcidas organizadas se constituíram em escolas de samba, é provável que muitas dessas coreografias tenham se originado nas suas quadras. Entretanto, durante as partidas, a adesão a essas performances corporais é quase completa, mesmo quando os torcedores comuns não cantam as letras das músicas.

⁸ Essa expectativa de retribuição muito se assemelha às práticas religiosas do catolicismo popular e parte significativa do pentecostalismo.

⁹ A letra desta música é a seguinte: Contra todo ditador que no Timão quiser mandar / Os Gaviões nasceram pra poder reivindicar / O direito da Fiel que paga ingresso sem parar / Não temos medo de acabar / Corinthians joga eu vou ta lá / Nossa corrente é forte e jamais se quebrará. A torcida do Santos usa o mesmo expediente na música “A Torcida é um terror”.

provisório e precário. No caso desta música em particular, a torcida organizada parece marcar sua posição diante das lideranças políticas do clube (“Contra todo ditador que no Timão quiser mandar”), apontando seu papel reivindicativo porque “paga ingresso sem parar” (apóia o time). A maneira “guerreira” de cantar esta música, quase como se fosse um grito de protesto, também aponta para esse caráter reivindicativo¹⁰.

Uma comunicação gestual que acontece apenas no início das partidas é o ato de girar bexigas nas cores do time quando os jogadores adentram ao gramado. Juntamente com a saudação habitual, de ficar em pé para recepcionar os jogadores, sobretudo nos clássicos, os torcedores, cantando alguma música de saudação, erguem bexigas e as giram numa coreografia mesclada com fumaça, também nas cores do time¹¹. Assim, na entrada de cada time em campo, o espetáculo muda de lado e de cores, com exceção do clássico Santos e Corinthians, que usam as mesmas cores¹². O espetáculo proporcionado pelo girar de bexigas coloridas em meio à fumaça cria o senso de unidade na torcida, apesar de alguns torcedores reclamarem por dois motivos: não receberam bexigas e se sentiam excluídos (o que reforça a idéia de unidade criada pela performance), ou não se sentiam a vontade em meio à fumaça, reclamando da irritação que provocava nos olhos.

Uma performance corporal comum às quatro torcidas de futebol é o ato de girar a camiseta sobre a cabeça durante algumas músicas de incentivo/apoio ao time. Um exemplo paradigmático é a música “Meu Palmeiras”, em que a torcida canta uma vez a letra completa da música, sem que haja qualquer performance corporal e em ritmo mais lento, seguida de uma segunda e terceira repetição da letra, agora em um ritmo mais acelerado e com o giro das camisetas sobre a cabeça¹³. Os torcedores que não repetiram o ato de girar a camiseta bateram palmas no ritmo da música, compondo uma performance “mista”. A atitude mimética de torcedores comuns é bastante grande neste

¹⁰ Em algumas situações específicas como derrotas para concorrentes rivais, como o Palmeiras ou São Paulo, além da recente queda do time para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, revelam que este caráter reivindicativo da torcida organizada vai além do discurso encontrado na música. Reuniões de diretores com membros da torcida organizada, cobranças de melhores resultados e pichações nos muros do clube são comuns nessas ocasiões.

¹¹ Também no uso de fumaça colorida há provocação de uma torcida em relação à outra. Assim, torcedores do Corinthians acusavam os são-paulinos de usar fumaça “rosa” (embora fosse vermelha), pois é “a cor dos bambis”.

¹² O Palmeiras usa bexigas verdes e brancas; o São Paulo, pretas, brancas e vermelhas; o Santos e o Corinthians, brancas e pretas. A fumaça, na maioria das vezes, acompanha essas cores. A variação no uso da fumaça observada nas partidas foi a seguinte: São Paulo, apenas vermelha; Palmeiras, apenas verde; Santos e Corinthians, apenas preta.

¹³ Alguns torcedores, mesmo dos outros times analisados, começam esta performance corporal com a camisa do time estendida em frete ao torso, como se a mostrassem para os jogadores ou para a torcida adversária. Pode-se dizer que é um tipo de rotina para a performance que vem a seguir, o giro das camisetas. A torcida do Corinthians gira as camisetas durante a música “Contra todo ditador”, depois do “senta e levanta” inicial.

caso, sobretudo porque não envolve o conhecimento da letra de alguma música. O efeito visual provocado é esteticamente belo, e a alta atitude mimética produz o senso de *comunitas*, ainda que perdure apenas por alguns momentos. Com pequenas variações, as torcidas de Santos, São Paulo e Corinthians reproduziram a mesma performance, com resultados similares.

Além do giro de camisetas durante algumas músicas, as torcidas dos quatro clubes de futebol também costumam pular, em razoável sincronia com o ritmo marcado pela melodia. Essa performance corporal não ocorre em qualquer música, mas naquelas em que o ritmo é mais rápido. Entretanto, diferente do que acontece com o giro de camisetas, a atitude mimética por parte dos torcedores comuns é pequena e assim, essa performance parece ser praticamente restrita aos torcedores das organizadas.

Semelhantes aos pulos dos torcedores durante as músicas são as danças. Dois tipos de dança foram observadas nas partidas de futebol: um tipo de fila indiana lateral, em que os torcedores seguem o vizinho do lado esquerdo por poucos metros, voltando para o sentido contrário no ritmo da melodia; e a coreografia semelhante à tarantela, em que os torcedores passam os braços sobre os ombros dos vizinhos da direita e esquerda e dançam com pulinhos laterais. A primeira foi observada apenas na torcida do São Paulo (na música “Vai lá, vai lá vai lá”), enquanto a “tarantela” foi observada na torcida do Palmeiras, cantando o hino oficial durante a partida e na torcida do Santos, cantando um tipo de grito de guerra da torcida organizada (“Laiá, laiá, laiá, Torcida Jovem”). No caso dos são-paulinos, a performance corporal foi iniciada depois da letra da música ter sido cantada duas vezes, demonstrando uma organização prévia da coreografia. O mesmo ocorreu com os palmeirenses, com a diferença de que a dança foi iniciada depois do hino ter sido cantado uma vez. Em ambos os casos, a participação nessas danças estava mais concentrada no espaço da torcida organizada, apesar de haver parte considerável da torcida envolvida, sobretudo na tarantela. O efeito visual revelou-se esteticamente belo, e o senso de *comunitas* pôde ser facilmente percebido.

Uma performance corporal ausente nos estádios atualmente é o agitar de bandeiras. Durante muitos anos as bandeiras fizeram parte do ato de torcer, mas sua proibição nos estádios paulistas foi provocada pelo incidente ocorrido em uma decisão entre Palmeiras e São Paulo da categoria de juniores, em 1995¹⁴. Nos últimos anos a

¹⁴ À época, Adalberto dos Santos, torcedor do Palmeiras, foi um entre muitos outros torcedores que se envolveram na briga ocorrida no Pacaembu, na final de um campeonato de juniores. Ele foi o único indivíduo responsabilizado e preso, acusado de ser o responsável pela morte do adolescente Márcio

proibição de bandeiras, faixas das torcidas organizadas e instrumentos musicais esteve para ser revogada várias vezes, mas ainda permanece vigorando e, por esta razão, a performance corporal de torcer agitando bandeiras não pôde se observada nas partidas.

Há uma performance corporal recorrente em relação à camisa do time, qual seja a de beijar o escudo do time em determinados momentos da partida, como na entrada dos jogadores em campo, na comemoração de um gol, e no final da partida, seja para celebrar a vitória, seja para reafirmar o compromisso com o time nos maus resultados. Essa performance revela uma identificação pessoal com o time/clube, amplamente mimetizada por outros torcedores, mas individual.

No conjunto de registros de comunicação durante uma partida de futebol, a comunicação *verbal*, que provê o suporte ao time por meio a utilização da voz, comentando os lances da partida, cantando músicas de incentivo e gritando slogans de apoio ou de provocação à torcida do time rival, pôde ser observada com frequência. O mesmo pode ser dito da comunicação *gestual*, presente nas posturas e gestos codificados dos torcedores, que configura o que está denominado como performances corporais ritualizadas.

Análise das interpenetrações esporte-religião

A partir dessa classificação, já exposta na etnografia descrita até aqui, pode-se proceder a análise das semelhanças de certo tipo de prática mágico-religiosa entre os torcedores de futebol das diferentes agremiações, além das apropriações mais ou menos livres da linguagem religiosa nos cânticos, refrões, os movimentos corporais, os gritos de guerra, provocações aos torcedores adversários e coreografias conjuntas, em sua caracterização ritualística.

De início, é preciso destacar que há um excesso de ritualização de tudo o que é contemporâneo, como apontou Bromberger (2001), como “as reuniões mais apaixonadas, os espetáculos esportivos, os concertos de rock, os encontros políticos, mas também as práticas cotidianas um pouco planejadas, num tipo de “pan-ritualismo”¹⁵. Sua definição de ritual, que será compartilhada na análise das ações dos torcedores, apresenta os seguintes traços:

Gasparim da Silva, torcedor do São Paulo. Desde então, as bandeiras e os instrumentos musicais usados pela bateria (tambores, principalmente) estão proibidos.

¹⁵ Bromberger demonstra que o conceito de ritual tem sido usado para se aplicar, em maior ou menor grau, a todas as atividades estereotipadas, sem preocupação com o tipo de expressão simbólica. Ele

Uma ruptura com a rotina diária, um marco espaço-temporal específico, um cenário programado que se repete periodicamente ao longo de um tempo cíclico, palavras proferidas, gestos complementados, objetos manipulados que apontam para uma eficácia extra-empírica, eficácia que não se esgota no encadeamento mecânico de causas e efeitos. Uma configuração simbólica ou mítica, que funda a prática ritual sobre significações. Também a instauração, na ocasião do ritual, do que Victor Turner chama de ‘antiestrutura’: uma estrutura liberada das hierarquias ordinárias e que se destina a cada um, neste momento fora do tempo; uma categoria diferente em função de sua proximidade em relação ao objeto da celebração (Bromberger, 2001).

A ruptura da rotina diária é parte do cenário que envolve as partidas de futebol. Na maioria das partidas observadas pôde-se notar o aspecto lúdico da participação dos torcedores no espetáculo esportivo, numa espécie de mescla entre apoio ao time e festa. Como apontou Huizinga (1979), o jogo é uma forma específica de atividade que possui uma função significativa, ou seja, que transcende as necessidades imediatas da vida e confere sentido à ação. De fato, uma das características mais marcantes do jogo “é sua separação espacial em relação à vida cotidiana. É-lhe reservado, quer material ou idealmente, um espaço fechado, isolado do ambiente cotidiano, e é dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade” (Huizinga, 1979, p.23). Assim, o espaço e o tempo da partida de futebol a que o torcedor assiste podem ser entendidos como específicos, separados da vida cotidiana, e mesmo das regras normais da sociedade. Essa compreensão se aplica aos jogadores, sujeitos às regras específicas do esporte, mas também aos torcedores que reproduzem performances corporais rituais, ou seja, repetitivas, sujeitas às regras próprias do que pode ser denominado como um tipo de “religião esportiva”.

Na análise das práticas dos torcedores nos estádios e ginásios, ficou evidente a presença de atos repetitivos, de performances corporais elaboradas e mimetizadas pelos torcedores, performances que não são usuais nos espaços da vida cotidiana, como o ambiente de trabalho, da casa e da rua. Portanto, além de representarem ações restritas ao tempo e espaço do estádio ou ginásio, revelando o marco espaço-temporal apontado na conceituação de ritual por Bromberger, refletem a ruptura das práticas da rotina diária.

Quando as situações não são usuais, como apontou Malinowski (1925), quando são fora do trivial e não se dispõe de outra solução viável, abre-se espaço para a magia. Nos momentos oportunos é que ela é acionada. Como os jogos se colocam fora da

afirma que “hoje, quando lemos certo número de trabalhos de antropologia, temos a sensação de nos encontrar diante de uma espécie de rito-mania”. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd29/ritual.htm>, acessado em 13/01/2009.

rotina diária do torcedor, fora do trivial e, principalmente, há grande imprevisibilidade do resultado, a oportunidade para o surgimento da magia é clara. Na apresentação da etnografia das partidas, sobretudo do futebol, as diversas práticas que objetivavam alterar a realidade da partida, por meio de gestos e performances corporais repetitivas, revelaram a presença da magia. Seja em reação a determinados momentos agudos do jogo, como quando o adversário está em situação de marcar um gol (de pênalti, por exemplo), seja na repetição automática de performances que deram o resultado esperado em outras partidas. Quando não havia outra solução viável para influenciar no resultado da partida, uma vez que apenas os jogadores podiam fazê-lo, os torcedores se utilizaram da magia.

Outro aspecto do ritual é que ele apresenta um cenário programado que se repete periodicamente ao longo de um tempo cíclico. Inicialmente, há a repetição do evento que é uma partida de futebol, que acontece no mesmo campeonato – quando há turno e retorno, como no Campeonato Brasileiro de futebol – ou em campeonatos anuais. Na apresentação da etnografia das partidas também foram observadas várias práticas repetitivas dos torcedores: começando pela ocupação do mesmo espaço nas arquibancadas, passando pelas mesmas ações na entrada dos jogadores em campo, pelas mesmas reações em situações similares àquelas de outras partidas, até as mesmas comemorações, o uso dos mesmos emblemas, o canto das mesmas músicas de identificação, de apoio/incentivo e de provocação à torcida adversária.

Essa repetição periódica apresenta elementos da magia na medida em que estão presentes, como conceituou Mauss (2003), os agentes, os atos e as representações. Os agentes são aqueles que efetuam os atos mágicos, mesmo quando não são profissionais. No caso das partidas observadas, são os torcedores que efetuam performances mágicas com o objetivo explícito de influenciar no resultado do jogo em andamento. A repetição dos mesmos gestos, das mesmas performances corporais, além de configurar uma ruptura com as práticas da vida cotidiana, revela a ritualização periódica do tempo. Ao mesmo tempo, as representações mágicas, que são as idéias e crenças que correspondem aos atos mágicos, puderam ser observadas na crença de que o apoio e as manifestações corporais podem motivar os jogadores dando-lhes “raça”, o que tornaria possível a alteração da realidade da partida. Além disso, os atos mágicos em relação aos quais se define os outros elementos da magia, na concepção de Mauss, são os ritos mágicos. Atos como ficar de costas para o campo para que uma falta ou um pênalti sejam cobrados erradamente pelo time adversário, porque se obteve o resultado esperado em

outro jogo, revelam esta expectativa mágica de que o resultado será o mesmo. Além de ser uma repetição. E mais, por ser algo “que todo torcedor deve fazer” (como se fosse toda uma sociedade), o ato de torcer deve ser coletivo, exigindo atitude mimética dos outros torcedores.

Além de ser uma ruptura com a rotina diária, um marco espaço-temporal específico e um cenário programado que se repete periodicamente ao longo de um tempo cíclico, os rituais apresentam certas palavras proferidas. As palavras não são escolhidas aleatoriamente, mas se repetem com frequência em todas as partidas, independente de qual seja a torcida. Ofensas ao árbitro, músicas de incentivo em momentos-chaves da partida, música de exaltação de um jogador, as vaias, o grito de “uh!” quando se perde um gol, são palavras rituais no âmbito da partida¹⁶. Essas palavras compõem, com as performances corporais, o rol das ações mágicas que pretendem alterar o rumo da partida.

Essa constatação de que todas as torcidas de futebol reproduzem palavras rituais durante as partidas revela, como visto na apresentação da etnografia das partidas, o que Radcliffe-Brown afirma, que “para entender uma religião particular temos de estudar os seus efeitos. A religião, portanto, deve ser estudada *em ação*” (1952, p.201). Assim, busca-se a função que esta cumpre e os efeitos que produz sobre o grupo social analisado, a torcida de um clube de futebol. Nesse sentido, a reprodução das mesmas palavras no decorrer das partidas parece denotar certa identidade coletiva dos torcedores, manifestada também nos cânticos, coreografias e performances corporais. Pode-se afirmar que este tipo de “religião esportiva” restringe-se ao tempo e espaço das partidas, configurando-se em rituais razoavelmente elaborados e mimeticamente reproduzidos.

As palavras proferidas são sempre acompanhadas de gestos ou performances corporais, que complementam e compõem o cenário dos rituais numa partida. Como as palavras, os gestos não são escolhidos aleatoriamente: há certo sincronismo entre eles, sobretudo quando se cantam as músicas e, como as palavras, os gestos se repetem com frequência em todas as partidas, independente de qual seja a torcida. As palmas sobre a cabeça, em frete ao torso, o gesto simulando o ato de martelar com os punhos fechados, o girar de camisetas e bexigas, as danças compartilhadas com vizinhos de arquibancada,

¹⁶ Em uma partida entre São Paulo e Corinthians, um colega estava presente e, apesar de não ter o hábito de usar palavras de baixo calão no dia-a-dia, não hesitou em xingar o árbitro por uma falta não marcada. Ele reproduziu no espaço e tempo da partida, as mesmas palavras encontradas entre os outros torcedores.

o levantar as mãos e pular quando acontece um gol, o levar as mãos ao rosto quando se perde um gol feito etc., compõem a parte gestual do ritual do torcedor.

Como apontou Radcliffe-Brown, “no estudo de qualquer religião temos de examinar, antes de tudo, as ações religiosas específicas, as cerimônias e os ritos coletivos e individuais” (1952, p.201). Partindo dessa constatação, a observação das torcidas durante as partidas revelou a intensa participação dos torcedores na reprodução dos gestos, configurando-se em um rito coletivo de grande mimetismo, mesmo quando as músicas não eram cantadas. Nesse sentido, observou-se maior mimetismo na reprodução dos gestos do que das palavras, sobretudo daquelas músicas mais elaboradas, com letras mais complexas. Tal como na reprodução das palavras rituais, os gestos objetivam interferir magicamente no andamento da partida, seja incentivando os jogadores, o que lhes daria mais “garra”, seja “empurrando” o time¹⁷.

Entendidos como ritos mágicos, os gestos acompanhados das palavras se apresentam diferentes dos ritos religiosos. Como apontou Malinowski (1948), enquanto os ritos mágicos são utilitários e um meio de conseguir alguma coisa, os ritos religiosos são celebratórios e possuem um fim em si mesmos. No caso das performances corporais dos torcedores, o apoio incondicional que ele representa se assemelha ao rito mágico, uma vez que pretende influenciar no resultado final da partida, tendo uma utilidade prática. Porém, o ritual de membros de torcidas organizadas¹⁸ que incentivam sem acompanhar o jogo se assemelha aos ritos religiosos, parecendo ser um fim em si mesmo. Esse segundo tipo, o rito religioso da torcida organizada, além de ser um fim em si mesmo, parece cumprir uma função social importante, porque “são um meio, um modo extremo eficiente de transmitir o poder tribal [no caso, o modo ‘correto’ de torcer], de assegurar a continuidade na tradição e de manter a coesão da tribo [torcida]” (Malinowski, 1948, p.43).

O ritual dos torcedores inclui também o uso de objetos, manipulados de maneira similar nas torcidas dos vários times. As camisas do time, que identificam o torcedor com o clube, se transformam em objeto de coreografia ao serem giradas sobre a cabeça, para incentivar os jogadores. Os apitos e as cornetas são manipulados para ditar o ritmo da arquibancada. A carranca e o caixão de defunto, embora menos presentes que outros

¹⁷ A expressão “empurrar o time” é usual nas torcidas e muitas das ações durante as partidas foram descritas como tendo este objetivo por torcedores.

¹⁸ O ato de incentivar o time sem acompanhar os lances da partida foi observado em algumas partidas, o que levou torcedores da organizada a não saber sequer quem havia feito o gol. Isso os levou a perguntar quem havia feito o gol ao vizinho de arquibancada.

objetos, também compõem o cenário repetitivo das manifestações externalizadas pelos torcedores. Analisando a partir de Malinowski, alguns objetos parecem fazer parte de ritos mágicos, com utilidades práticas evidentes, como o giro das camisas do time para incentivo dos jogadores, enquanto a carranca e o caixão de defunto parecem possuir um fim em si mesmos, como ritos provocativos à torcida adversária. É interessante notar que a carranca originalmente está ligada à rejeição de maus espíritos, enquanto o caixão de defunto, simbolicamente representa o desejo da desgraça do outro.

A ruptura na rotina diária, em um cenário programado que se repete nas palavras, gestos e objetos manipulados, apontam, segundo Bromberger, para uma eficácia extra-empírica. Peirano (2000, p.8), tratando da eficácia dos ritos afirma:

Distinguir relações sociais e representações é um recurso heurístico na análise antropológica. Mas sociedades não se reproduzem apenas porque os indivíduos se relacionam e porque pensam o mundo; o movimento e o dinamismo das sociedades deriva da eficácia de forças sociais ativas – para usar a idéia-mãe de Durkheim. Em outras palavras, a sociedade não é um ser nominal e de razão, mas um sistema de forças atuantes e a eficácia das idéias e crenças precisa ser incluída na análise explicativa, somando-se à ação, para que se identifiquem os mecanismos de movimento e de reprodução da sociedade.

Na apresentação de algumas performances corporais há a menção desta eficácia, denominada como *eficácia presumida*, em consonância com a tese de Bromberger (2001) de que ela “não se esgota no encadeamento mecânico de causas e efeitos”. Como Malinowski (1925, p.44) apontou, referindo-se ao controle de interferências do imprevisível pelo trobriandês, a “magia deve ser esperada, e geralmente será encontrada, onde quer que o ser humano chegue a uma lacuna intransponível, a um hiato em seu conhecimento e em seus poderes de controle prático, quando ele, apesar dos pesares, tem que prosseguir naquela empreitada”. No caso desta análise do ato de torcer, quando não há um controle prático sobre o resultado das partidas – o que ocorre em todas as partidas de futebol –, o torcedor prossegue torcendo, usando a magia. Lévi-Strauss já havia demonstrado que a eficácia da magia implica na crença da magia, e a repetição sistemática de performances corporais, da comunicação verbal, instrumental e gráfica aponta para esta crença.

É preciso fazer uma distinção entre essa eficácia no futebol em relação a outros esportes, como o basquete e o vôlei. A farta quantidade de performances corporais, de músicas e de objetos manipulados no futebol, em comparação com as limitadas expressões no basquete e no vôlei, parece apontar para uma presença maior de práticas

mágicas entre os torcedores do esporte bretão. Uma possível explicação foi sugerida por Da Matta (2006, p.154ss) que, ao tratar da adoção do futebol no Brasil, apontou o fato dessa modalidade “ser jogada com os pés e não com as mãos” (2006, p.155). Esse fato faz do futebol um esporte muito menos preciso do que os outros, e tal imprevisibilidade o abriria às idéias de sorte, destino e predestinação. Além de explicar como um time de habilidades técnicas inferiores é capaz de vencer um time superior, Da Matta (*Idem*) afirma: “daí a sua [do futebol] imediata ligação com crenças religiosas, algo muito mais raro de ocorrer quando se trata de modalidades esportivas como o voleibol, a natação e o atletismo que são esportes com uma menor dimensão aleatória”. Portanto, apesar de não se saber qual time vai vencer um jogo de vôlei e basquete antecipadamente, a possibilidade de resultados ilógicos, as chamadas “zebras”, é bastante menor do que no futebol, o que levaria esses esportes a serem menos suscetíveis às crenças mágico-religiosas que interfeririam no resultado final¹⁹. Obviamente o ato de torcer pelo time de basquete e vôlei é semelhante ao ato de torcer pelo time de futebol no que tange ao apoio aos jogadores. O que os diferencia em termos etnográficos é a quase total imprevisibilidade do futebol, resultando em atitudes mágico-religiosas mais frequentes dos torcedores deste esporte.

As ações mágicas dos torcedores de futebol podem ser entendidas em sua racionalidade prática, pois como apontou Pierucci (2001, p.53), “a racionalidade teórica das crenças mágicas, sabidamente fragmentárias, desordenadas, lacunares” compõem um universo teórico que está longe de se constituir em um sistema de crenças. Ele continua: “É na racionalidade das práticas mágicas que se pode encontrar a racionalidade da magia ‘em si’, dado que a escancarada racionalidade instrumental e utilitária de toda ação mágica facilita enormemente a explicação da própria existência da magia” (*Idem*). Assim, a persistência de práticas mágicas em torcidas de clubes rivais, com contornos semelhantes e até idênticos – como no caso das mesmas músicas usadas por torcidas diferentes – revelam não um sistema de crenças formal, mais comumente encontrado na religião, mas uma mesma racionalidade prática. Os clubes são diferentes, mas a instrumentalidade das práticas mágicas permanece a mesma. Peirano (2000, p.11), ao analisar a contribuição de Tambiah, afirma que

¹⁹ Além de haver menor chance de zebras no basquete e no vôlei por serem jogados com as mãos, a maioria dos campeonatos desses esportes é decidida em melhor de três, cinco ou até sete jogos. Isso reduz ainda mais o risco de um time inferior vencer o superior. No futebol, apesar da adoção recente do sistema de pontos corridos em vários campeonatos, quando há uma ou duas partidas finais o resultado é bem mais incerto, seja por uma falha individual de um jogador ou do árbitro.

Como sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica, os ritos deixam de ser apenas a ação que corresponde a (ou deriva de) um sistema de idéias, resultando que eles se tornam bons para pensar e bons para agir, além de serem socialmente eficazes. Tambiah afirma que a eficácia deriva do caráter performativo do rito em três sentidos: no de Austin (onde dizer é fazer como ato convencional); no de uma performance que usa vários meios de comunicação através dos quais os participantes experimentam intensamente o evento; e, finalmente, no sentido de remeter a valores que são vinculados ou inferidos pelos atores durante a performance (Tambiah, 1985, p. 128). Em outras palavras, os rituais partilham alguns traços formais e padronizados, mas estes são variáveis, fundados em construtos ideológicos particulares. Assim, o vínculo entre forma e conteúdo torna-se essencial à eficácia e as considerações culturais integram-se, implicadas, na forma que o ritual assume.

O ritual dos torcedores, portanto, também está fundado sobre uma configuração simbólica que lhe dá sustentação e sentido. Nas palavras de Mauss, são as representações mágicas, ou seja, as idéias e crenças que correspondem aos atos mágicos. É preciso pontuar que há uma similaridade marcante entre as práticas das várias torcidas, parecendo haver as mesmas representações do ato de torcer, com a inclusão das práticas descritas na etnografia, independente de qual seja o time. Ao mesmo tempo, é preciso destacar que a observação nas partidas e as entrevistas com torcedores não revelou qualquer influência da religiosidade institucionalizada anterior nas práticas ocorridas durante os jogos. Isso significa que as performances corporais, as comunicações verbais, gráficas e instrumentais, se limitam ao tempo e espaço das partidas, em um tipo de religiosidade provisória, desvinculada da vida cotidiana e da religiosidade cotidiana dos torcedores. Torcedores católicos, evangélicos, adeptos de religiões afro-brasileiras, espíritas ou sem religião reproduziram performances semelhantes nas arquibancadas dos estádios e ginásios.

Essa desvinculação da vida cotidiana revela um outro aspecto dos rituais dos torcedores, qual seja o de uma estrutura liberada das hierarquias ordinárias no tempo e espaço das partidas. Nas arquibancadas, as relações interpessoais não reproduzem o padrão da sociedade. A diferenciação está presente apenas na comparação entre os torcedores que vibram mais e os que são mais passivos, sendo que estes são, com frequência, cobrados por aqueles, e exigidos com um maior envolvimento no ato de torcer. Nas entrevistas com torcedores dos vários times e esportes, verificou-se que advogados, estudantes, médicos, professores, estagiários, motoristas, garçons, diretores de empresas, lojistas, escriturários, entre outros, momentaneamente colocam esta identidade profissional entre parênteses para assumir a de um simples torcedor. Mesmo

a relação pai e filho, também observada em vários jogos, sofre alterações, prevalecendo a identidade provisória de torcedor.

Outro comportamento social que sofre uma transformação marcante durante as partidas e, sobretudo no momento em que os rituais dos torcedores acontecem, é o uso do corpo. Durante os rituais mágico-religiosos, as performances corporais revelam que a norma social vigente, que prevê a manutenção de espaço entre o corpo e as outras pessoas, acaba diluída. Le Breton (1995, p.133), ao tratar da antropologia do corpo, afirma que:

se os corpos têm que se tocar, ou mesmo roçar um no outro, impõem-se uma breve justificativa para metabolizar a transgressão do proibido que está implícito no contato, a menos que a multidão imponha uma espécie de fusão torpe e, provisoriamente, suspenda a proibição. Imerso na multidão, o indivíduo volta a encontrar a condição comunitária; as fronteiras pessoais e as do corpo se dissolvem. É o único momento em que o contato e a proximidade física dos outros não provocam incômodo.

Parece haver, no caso dos torcedores brasileiros²⁰, uma suspensão provisória deste espaço entre os corpos no tempo específico das partidas, prevalecendo um senso de pertença à torcida do clube, o que explicaria as danças do tipo “tarantela”, além das comemorações efusivas dos gols, com abraços e batidas de mãos com vizinhos de arquibancadas. O contato e a proximidade física de outros torcedores, antes de provocar incômodo, é parte do cenário dos rituais do torcedor. Sua duração, porém, não se estende ao tempo e ao espaço posteriores à realização das partidas, encerrando-se, de fato, já na saída do estádio ou ginásio. Isso significa que aquele “parêntese” na convenção social de separação dos corpos foi encerrado, retomando-se, automaticamente, o comportamento social normal da sociedade.

Entretanto, é necessário destacar que este contato físico não é uniforme nas arquibancadas. No caso do futebol, os setores dos estádios ocupados pelas torcidas organizadas apresentam um índice maior de contato físico, chegando a níveis bastante superiores ao de outras partes da arquibancada. Em relação à prática cotidiana da sociedade, onde predomina a separação dos corpos, o contato entre torcedores das

²⁰ Gastón Julián Gil (1998) trata essa proximidade entre os torcedores da Argentina, como parte de um ritual esportivo que expressa a masculinidade do torcedor. Ele afirma: “Inmersos en el espacio ritual, una vez franqueadas las puertas de acceso, los saberes legítimos que impone nuestra contemporaneidad desaparecen abruptamente para colocar en su lugar un conjunto de reglas implícitas de la afirmación de la masculinidad que un hincha debe, desea seguir y se encarga de dejar manifiesto a través de sus expresiones simbólicas formalizadas: los cantos y las inscripciones en las banderas. Y aquí es el cuerpo el soporte a través del cual los participantes del ritual pueden demostrar sus virtudes, uno junto a otro: saltar, cantar, gritar, insultar, chocarse”. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd10/gil10.htm>, acessado em 18/06/2005.

organizadas poderia ser considerado até como agressão. Porém, quando um torcedor não retribui o contato dos seus vizinhos de torcida organizada, é geralmente instado a comportar-se como “um deles”, o que revela que a repulsa a essa prática grupal gera um tipo de falta de legitimidade: ser torcedor, no sentido dado pelos membros das organizadas, implica em reproduzir a “forma correta” de torcer, o que inclui o intenso contato físico; não agir da maneira esperada, obrigação de todo “torcedor de verdade”, é não torcer²¹.

Portanto, as performances corporais dos torcedores, além de comporem parte do ritual mágico-religioso das arquibancadas, são elementos avaliadores do desempenho adequado ou estigmatizado do ato de torcer. Em outras palavras, o comportamento corporal durante as partidas serve para prover tanto a aceitação quanto o estigma entre os torcedores mais radicais. Em alguns casos, o estigma é criado por meio de ameaças, de acusações de torcer pelo time adversário ou de ser “pé frio”²².

A análise dos rituais mágico-religiosos das torcidas de futebol, observados durante as partidas, apresentaram-se como uma ruptura com a rotina do dia-a-dia, caracterizada por um tempo e espaço específicos, em um cenário que se repete periodicamente. Nesse cenário programado, as comunicações gestuais expressas nas performances corporais, com o objetivo expresso de incentivar o time e de influir magicamente sobre a realidade do jogo, apontaram para uma eficácia extra-empírica, eficácia presumida, baseada em significações simbólicas. Esses rituais revelaram também uma estrutura liberada das hierarquias ordinárias, criando relações interpessoais diferenciadas daquelas da vida cotidiana e transformando o uso do corpo, agora instrumento de legitimação ou estigma do “correto torcer”.

²¹ Em vários jogos dos quatro clubes de futebol foi observada essa insistência dos torcedores das organizadas em relação aos seus vizinhos de arquibancada. Expressões como “não sei por que é que vem, se não vai torcer”, ou “vamo, vamo incentivar aí, meu” (sic), entre outras, foram freqüentes para mostrar essa falta de legitimidade atribuída pelos membros das organizadas aos torcedores que não reproduziam suas performances corporais, com intenso contato físico.

²² Além das críticas dirigidas aos torcedores mais passivos no espaço ocupado pelas torcidas organizadas, foram observadas acusações como “você é bândi, vai embora daqui”, “que cê ta fazendo aqui? Vai lá pro meio da porcada, vai”, ou “sai pra lá, presidiário, ce ta no lugar errado”. Quando o time de coração levava um gol, observaram-se acusações de que era por causa daquele torcedor que o resultado era negativo. Ele era “pé frio”, o que evidencia novamente uma compreensão mágica do ato de torcer.

Reinaldo Olecio Aguiar

Doutor em Ciências da Religião, com concentração em Ciências Sociais e Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo.
Pós-doutorando em Antropologia Social pela UFSCar (bolsista FAPESP)
reinaldo_aguiar@uol.com.br

Abstract: The Brazilian people are known for his passion for soccer. In common sense, Brazil is the “land of soccer”. This article is an anthropological analysis of body performances of soccer fans during the matches, from 2005 to 2007, with specific emphasis on magical-religious events. Brazilian fans of four soccer teams are at the heart of ethnographic observation: Sociedade Esportiva Palmeiras, São Paulo Futebol Clube, Santos Futebol Clube e Sport Club Corinthians Paulista. These performances show a kind of magic understanding of reality, mixed with elements of popular religiosity. Besides, the understanding of body as instrument of “right support”, reveals a proximity between sports and religion because the reproduction of the same body movements, sometimes eliminating the spaces between the bodies, set up a kind of “secular religion”, restrict to time and space of matches. Gestures, dances, palms, choreographic and use of instruments compose the body performances from fans, creating a different sociability than usual. After the end of match, the social rules returns, evidence of provisory character of body performances and of magical comprehension from fans.

Keywords: religion and sport; sportive sociability; soccer and magical comprehension; corporality.

Referências bibliográficas

- BROMBERGER, C. *Le Match de Football – Ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naple et Turin*. Édition de la Maison des sciences de l’homme, Paris, 1995, 406 p.
- _____. *et alli*. “Las multitudes deportivas: analogía entre rituales deportivos y religiosos” in: *Lecturas: Educación Física y Deporte* (revista digital), Buenos Aires, Año 6, n° 29, Janeiro de 2001. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd29/multi.htm>, Acesso em 02/06/2002.
- DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rocco, Rio de Janeiro, 2006, 209 p.
- GIL, Gastón Julián. *El cuerpo popular en los rituales deportivos*. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Año 3, N° 10. Buenos Aires, Mayo 1998. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd10/gjil10.htm>, Acesso em 18/06/2005.
- LE BRETON, David *Antropología del cuerpo y modernidad*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1995, 254 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “O feiticeiro e sua magia”, in: *Antropologia Estrutural* RJ, Tempo Brasileiro, 1989, p. 193-213.

- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O Jogo como Elemento da Cultura*. São Paulo, Perspectiva, 1979, 256 p.
- MALINOWSKI, Bronislaw. "The Role of Magic and Religion". In: LESSA, William A. (ed.) *Reader in Comparative Religion*. Evanston, Row, Peterson & Co, 1925, p. 37-45.
- _____. "Magia, Ciencia y Religión". Barcelona, Planeta Agostini, 1948, 109 p.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify, 2003, 535 p.
- PEIRANO, Marisa G.S. *Análise Antropológica de Rituais*. UnB, Brasília, 2000, 270 p.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. *A Magia*. São Paulo, Publifolha, 2001, 113 p.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred. *Structure and Function in Primitive Society*. Glencoe, Free Press, 1952, 224 p.
- TAMBIAH S. J. *Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective*. Cambridge, Harvard University Press, 1985, 411 p.

Recebido em 05/12/2008

Aceito para publicação em 30/03/2009